

AS CONVICÇÕES PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR DO CURSO DE PEDAGOGIA: CONTRIBUIÇÕES DO OLHAR BERGSONIANO

ARAÚJO, Tatiana Cristina dos Santos de – UFPE

ROHR, Ferdinand – UFPE

GT-17: Filosofia da Educação

Agência Financiadora: CNPq

Acreditamos que o debate em torno da integralidade humana no campo educacional não pode ficar restrito apenas a orientações curriculares e/ou procedimentos metodológicos, como inclusive já observamos em alguns documentos e propostas voltados para a educação. Cremos que apenas dessa forma não avançaremos num debate que problematize devidamente a tradição cartesiana de separação e hierarquização das dimensões do ser humano.

Nossa proposta de trabalho direciona-se especificamente à uma reflexão sobre a formação do professor em um sentido mais amplo tentando nos aproximar de uma compreensão de como em sua vida foram construídas suas convicções pedagógicas e se as toma como princípio nas suas ações pedagógicas cotidianas. Queremos compreender, através de narrativas orais de professores universitários dos cursos de Pedagogia, quais foram as experiências que constituíram suas convicções pedagógicas mais recentes? E como essas convicções permanecem e são vivenciadas em sua postura pedagógica atual?

Acreditamos que dentre os fenômenos que repercutem significativamente na vida destes professores encontra-se a intuição, que é em nossa hipótese, o que contribui para que muitas das experiências que ocorrem ao longo da vida fiquem registradas na memória, atuando decisivamente na construção das convicções pessoais.

O Que é Convicção?

Para Kant, a convicção é “...uma crença (...) válida para todos, desde que estes sejam dotados de razão, o fundamento dessa crença é objetivamente suficiente ...”.(In: ABBAGNANO, 1982, p. 274). A esta explicação acrescentamos também o caráter de verdade, uma vez que essa visão designa também o resultado de um julgamento e a partir deste, o indivíduo defende a sua idéia ou ação como correta.

O contraste das características objetivas e subjetivas da convicção nos dá a idéia de sua complexidade, isto é, para chegarmos a convicção de algo nosso pensamento dá

idas e vindas, baseado em princípios, que mesmo sendo distintos, fundamentam nossas escolhas as quais podemos assumir convictamente.

Para chegarmos a convicção pura sobre algo, nosso pensamento antes de construí-la, oscila entre princípios que são ambíguos e assim pode ser conduzido por crenças que não se caracterizam de fato como uma convicção, mas que podem ser confundidas. Portanto, a convicção é uma postura pessoal e íntima que envolve uma reflexão profunda sobre princípios objetivos e subjetivos.

Como a convicção é uma certeza, quando a alcançamos ela é o resultado de um profundo processo do pensar que é criativo e não ingênuo. Podemos dizer que é a própria liberdade em manifestação, pois quando atingimos a convicção pura sobre algo ela não é uma simples escolha entre duas vias, mas a manifestação sublime do ato livre (BERGSON, 1999.).

Precisamos assumir com coerência nossas convicções no pensar e fazer pedagógicos assumindo atitudes cotidianas que apontam para uma postura ética. Nesta perspectiva, buscamos através do pensamento de Henri Bergson a compreensão dos processos que atravessam a educação, mais especificamente a “formação” dos professores. Mesmo que este autor nunca tenha elaborado uma teoria da educação, suas contribuições levam-nos a uma reflexão da educação como formação integral.

Notas introdutórias: As contribuições bergsonianas

Segundo Bergson, a ciência positiva analisa os fenômenos utilizando-se sempre de símbolos. Para provar o ponto de vista bergsoniano, basta verificar a forma como os cientistas, por exemplo, tratam os seres vivos, ou seja, através da comparação, reduzindo os órgãos, estudando o funcionamento da vida naquilo que dele é, por assim dizer, o símbolo visual.

A realidade é dinâmica e se movimenta em uma “continuidade indivisível e indestrutível” (BERGSON, 1994), e ainda dura por muito tempo (o tempo da consciência), é a própria duração. É preciso pensar a vida como a própria duração, pois ela é realidade e para conhece-la é preciso tomar consciência dela em nós mesmos. Essa seria uma postura fenomenológica necessária para atender a essa volta para a nossa experiência interna, movimento este que nos é tão estranho, pois estamos de fato, como critica Bergson, separando as coisas de nós como se a existência das coisas, a

experiência vívida e a reflexão sistemática não estivessem cindidas. (cf. BELLO, 2006, p. 9).

Somos verdadeiramente nós mesmos, através do ato livre, que corresponde ao “... conjunto de nossos sentimentos, de nossos pensamentos e de nossas aspirações mais íntimas”. (BERGSON, 1999, p.217), ou seja, este ato refere-se aquele em que sou verdadeiramente eu.

Geralmente só nos atemos ao que estamos chamando de realidade mais superficial, pois essa é a que conhecemos e por isso nos dá mais segurança. Ir à realidade mais profunda requer admitir, antes de tudo, que essas realidades fazem parte de uma só. O que acontece é que nosso pensar está muito acostumado a uma percepção aparente das coisas e se satisfaz com a superfície das coisas. Nesse sentido, a experiência humana pode ser confundida como uma simples vivência, a qual “... procuramos diversos arranjos possíveis entre os fragmentos que a compõe aparentemente, e diante da fragilidade reconhecida de todas as nossas construções, acabamos por renunciar a construir”. (BERGSON, 1999, p. 215).

É na realidade superficial que encontramos a razão, a quantificação, a matéria, o tempo cronometrado, a memória superficial entre outros elementos. Na realidade mais profunda está o espírito, a liberdade, a duração, a qualidade a memória pura. A possibilidade de acessar essas duas realidades se dá através da intuição, num movimento constante e tendo em vistas a relação profundamente interdependente entre elas. A realidade profunda precisa dos dados da realidade mais superficial, como por exemplo, a linguagem, para manifestar-se assim como para a realidade superficial é imprescindível a realidade mais profunda. Sem a realidade profunda a realidade superficial seria apenas um lugar, um espaço onde se desenvolveria uma vida puramente mecânica.

Suspeitamos que a convicção pedagógica origina-se na realidade mais profunda. Ela alimenta-se também das experiências da realidade superficial, porém é na realidade profunda que a convicção vai encontrar aspectos que a diferem, por exemplo, do dogma, e assim se configurar como um princípio, uma certeza convicta de algo.

Um dos elementos importantes nessa construção é a memória que não é um recipiente onde são guardadas recordações e quando queremos retiramos dela o que queremos. Na verdade ela é “... a alma da própria alma, ou seja, a conservação do espírito pelo espírito”. (BOSI, 2003, p. 36). Mesmo que não tenhamos consciência, as

experiências significativas ficam registradas em nossa memória e podem refletir-se em ações cotidianas que colaboram, por exemplo, com a nossa construção identitária.

Relacionar a discussão filosófica com o debate acerca do que é constituído ao longo da vida, no caso específico deste trabalho a convicção pedagógica é algo bastante sutil, pois busca reconciliar o que Bergson já preconizou em seu tempo, ou seja, relacionar filosofia e vida, algo que é profundamente possível a partir da percepção das coisas prevalecendo sobre a sua conceitualização, sem que para isto seja necessário renunciar a esta última. (DEVAUX, 2001, p. 137).

Breve reflexões metodológicas

De modo geral, nossa proposta de trabalho busca refletir sobre a formação mais ampla do professor do curso de Pedagogia. Assim suspeitamos que a abordagem biográfica nos ajudará em nossa coleta.

Como primeiro momento da coleta aplicamos um questionário com os alunos do curso de Pedagogia tendo a finalidade de encontrar em suas respostas referências a professores, que para estes alunos, eram os que mais manifestavam convicções pedagógicas. O questionário foi aplicado com os alunos do sétimo, oitavo e os chamados alunos de período indefinido¹ de uma das instituições de ensino superior².

Dando continuidade a coleta, realizamos com os sete professores uma entrevista estruturada. Estes sete professores foram os que apareceram com mais frequência nas respostas dos alunos. As entrevistas consistiam em 3 perguntas pensadas com a finalidade de, já nesse primeiro momento, perceber aqueles que poderiam colaborar com as nossas questões de pesquisa. Com as respostas da primeira entrevista escolhemos três professores para realizar encontros onde o roteiro seria mais aberto e onde coletaríamos mais narrativas.

Até o momento os dados estão nos mostrando que há uma relação profunda com nossa hipótese inicial de trabalho, e também está possibilitando a experiência de estar em contato com estes sujeitos e suas narrativas oportunizando a recriação de posturas diante da nossa própria formação.

Para direcionar a nossa análise optamos por uma abordagem fenomenológica. Essa perspectiva pode alcançar a realidade e os elementos que a integram colaborando para

¹ Os alunos indefinidos que entraram em nossa amostra pagavam disciplinas do sétimo ao nono período.

² Até a data de preparação deste texto não havíamos iniciado a coleta na segunda instituição.

uma melhor percepção da mesma. Segundo Quintás (1993, p. 294, In PERRISÉ, 2004, p. 82)

“ Você não pensa numa coisa e depois em outra. Pensa numa coisa e *em outra em sua mútua conexão e influxo*³. Se você primeiro analisa a matéria e depois a forma, não penetrará no que significa uma e outra. Ao pensar no que é a matéria, é preciso dirigir o olhar ao mesmo tempo para a forma e tomar consciência de cada matéria está impregnada de uma forma determinada, como costumava destacar Maurice Merleau-Ponty”.

Não pretendemos chegar a uma configuração das experiências e dos momentos exatos, nos quais ocorrerem implicações para a construção das convicções pedagógicas dos professores. Vemos, partindo das narrativas, que a convicção não é demonstrada por um domínio de técnicas e conteúdos, ela inclusive colabora para que a utilização destes recursos seja coadjuvante na ação do professor, esta seria uma de nossas aproximações que parecem apontar para a compreensão da convicção pedagógica do professor.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. rev. Traduzido por Alfredo Bosi em colaboração com Maurice Cunio. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

BELLO, Angela Ales. *Introdução à Fenomenologia*. Traduzida por Irmã Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP:Edusc, 2006.

BERGSON, Henri L. *A intuição Filosófica*. Traduzido por Maria do Céu Patrão Neves. Lisboa: Edições Colibri, 1994. (Coleção Universalia).

_____. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Traduzido por Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos).

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DEVAUX, André – A. Bergson. HUISMAN, Denis. *Dicionário dos Filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PERRISÉ, Gabriel. *Filosofia, Ética e Literatura: Uma proposta pedagógica*. Barueri, SP: Manole, 2004.

³ Grifo do autor.